

Um cinturão verde para proteger a Amazônia

Projeto Novas Fronteiras preserva o que ainda resta da floresta tropical com assentamento de povoados no cerrado

(*) POR JEAN MICHEL COUSTEAU

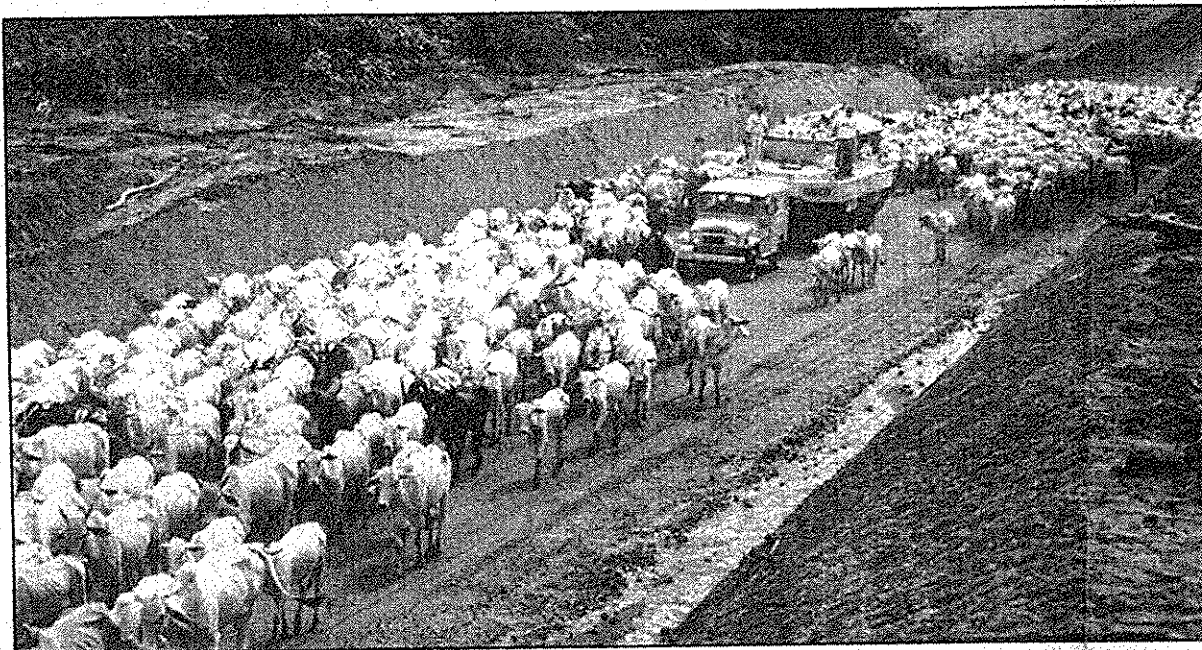


Os carros e caminhões sacolejantes, cheios de colchões, caixotes, panelas, caçarolas e pessoas, se dirigiam para Vilhena, portão de entrada do Estado de Rondônia. Uma após outra, famílias pobres brasileiras seguiam para a Amazônia, transportando todos os bens de sua vida e cheias de esperança.

Há uma década foram muitos os que sonharam em criar gado e se dedicar à agricultura na Amazônia, os que sonharam em deixar para trás a miséria urbana na poeira vermelha das novas estradas rasgadas na selva. Para abrir caminho para esta leva de migrantes, um terço da floresta tropical de Rondônia se transformou em queimadas ou foi posta abaixo por "bull-dozers".

Contudo, assim que a terra foi aberta, a agricultura na floresta amazônica se mostrou insustentável devido à pobre qualidade do solo. Fazendas fecharam, e os recém-chegados morreram de malária, disenteria e outros perigos amazônicos. Apesar disso, o Brasil continua a perder anualmente entre 50,5 e 91 milhões de hectares de floresta tropical, segundo relatório recente do Instituto de Recursos Mundiais.

Nas esperanças de frear esta alarmante destruição, o governo do presidente Fernando Collor de Mello lançou um projeto incomum para criar uma zona-tampão de povoados na Amazônia, numa região conhecida como cerrado. Reconhecendo o anseio popular de possuir um pedaço de terra, a necessidade de aumentar a renda per capita e para proteger a floresta tropical, o projeto do cerrado, conhecido como Novas Fronteiras, pretende desviar a pressão pelo desenvolvimento antes que



Pecuária na Amazônia: ameaça ao frágil ecossistema da floresta tropical.

ela se espalhe e engolfe a Amazônia.

O ministro da Agricultura do Brasil, Antônio Cabrera Mano Filho, e o diretor do Desenvolvimento Rural e de Cooperativa, Celso Luiz de Oliveira, estão empenhados em fazer de Novas Fronteiras um sucesso, na crença de que a única maneira viável de preservar a floresta tropical é encorajar o uso da terra à sua volta.

Segundo Oliveira, com quem tive estreito contato durante nossa expedição à Amazônia no começo dos anos 80, a esperança do projeto Novas Fronteiras é criar um "cinturão de segurança" para a Amazônia, afastando os novos povoados da floresta tropical na direção das savanas semiáridas do cerrado, para onde têm-se encaminhado tradicionalmente os migrantes do Nordeste e do Sul, a fim de alcançar uma área até agora virtualmente ignorada.

Com megacidades superpopulosas como São Paulo, e uma população muito jovem, o Brasil precisa desesperadamente dos 20.565 km² representados pelo cerrado. A área é suficientemente ampla para acolher cidades novas, que por sua vez apoiariam comunidades agrícolas. O projeto Novas Fronteiras

pretende, entretanto, manter pelo menos 20% do cerrado como reserva natural.

Sob o plano de reforma agrária do presidente brasileiro, cerca de 500 mil famílias receberiam terras nos próximos cinco anos, e a zona principal a ser usada seria o cerrado. Seguindo o sistema cooperativo já desenvolvido com sucesso no Brasil — do qual hoje já participam cerca de 3,5 milhões de agricultores —, estabelecer-se, no cerrado significaria um título de propriedade para uma família, que partilharia com outras de recursos técnicos, como equipamento e fertilizantes. Caso dê certo, estabelecer-se no cerrado seria suficientemente compensador para tornar desnecessário e desinteressante o povoamento da Amazônia.

Beneficiado por chuvas abundantes, embora irregulares, um clima estável e períodos regulares de luz solar, o cerrado é uma zona de intensa fotossíntese, apresentando, portanto, um enorme potencial agrícola. Contudo, o sucesso da agricultura nessa área depende de uma cuidadosa irrigação, bem como do uso judicioso de fertilizantes para contra-atacar os ácidos de um solo em si fértil.

O projeto Novas Fronteiras — que inclui cerca de 3.600 famílias — produz 500.000 toneladas de cereais por ano e já criou 100 mil novos empregos, direta ou indiretamente, segundo Oliveira. Joint-ventures nipo-brasileiras já investiram cerca de 350 milhões de dólares no cerrado e o Brasil está atualmente negociando com Tóquio outros US\$ 1,5 bilhão.

Para o Brasil não são novidades projetos tão vastos em escala e ambição como o Novas Fronteiras. Na verdade, o projeto nasceu em 1960, quando uma cidade totalmente nova, Brasília, foi plantada no meio do cerrado. A nova capital brasileira era então uma área isolada, uma estranha ilha de atividade num mar de terras despovoadas e não-desenvolvidas.

Hoje, o cerrado em volta está sendo despertado pelas pressões da pobreza e da preservação ambiental. Seria assim um duplo triunfo se o Novas Fronteiras criasse um "cinturão de segurança" para a Amazônia, e se transformasse em nova fonte de alimentos para os famintos do Brasil e do mundo.

(*) 1990 — The Cousteau Society — distribuído com exclusividade pelo Los Angeles Times Syndicate.